

**A DESCRIÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL  
DO SUBSTANTIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA**

*José Pereira da Silva (UERJ)*

**BOTELHO, José Mário. *O gênero imanente do substantivo no português*. Rio de Janeiro: JMBotelho, 2004, 90 p.**

Com um pequeno atraso, saiu, enfim um importante trabalho para aprimorar os argumentos relativos à polêmica questão da expressão do gênero nos substantivos, não somente do português, mas de grande número de línguas ocidentais de cultura.

Trata-se de nova versão da dissertação de mestrado apresentada pelo autor na PUC-Rio, em 1996, com a proposta de negar a “flexão” de gênero dos substantivos, aceita e consagrada pela tradição gramatical sem qualquer contestação fundamentada, até então.

É natural que o fato, já percebido por alguns gramáticos e lingüistas, apareça nas entrelinhas de trabalhos como alguns publicados por Antônio J. Sandmann, José Gonçalo Herculano de Carvalho e Joaquim Mattoso Câmara Jr., entre outros.

José Mário defende a idéia de que a expressão do gênero nos substantivos da língua portuguesa não deve nem pode ser descrita como flexão, apresentando com sucesso argumentos suficientes para fazer refletir os lingüistas, gramáticos e demais estudiosos.

Hoje, lembra-nos Botelho:

Muitos outros estudiosos de defendem a idéia de que a formação do gênero feminino dos substantivos não se dá por meio de flexão, como é o caso do eminente gramático e lingüista Evanildo Bechara, o qual na trigésima sétima edição de sua *Moderna gramática portuguesa*, privilegiou o tema e reformulando a descrição das edições anteriores, apresenta uma descrição convincente, acerca do assunto. (1ª orelha).

Apesar de ser um trabalho pioneiro neste particular, como dissertação de mestrado e como livro, o professor José Mário só tem a aparência de inovador nesta sua proposta agora apresentada ao público para aplicação ao ensino gramatical do português no que se refere à descrição do gênero nos substantivos. E é ele mesmo que assim apresenta sua proposta:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Aparentemente inovadora, por razões óbvias: qualquer estudioso, e até mesmo uma pessoa [não especializada] interessada nos assuntos acerca de gramática, vem percebendo desde muito tempo que o tratamento dado à questão do gênero é, no mínimo, insatisfatória.

Em verdade, a incoerência da descrição encontrada em nossos compêndios gramaticais é do conhecimento de muitos pesquisadores e há muito. A prova disso pode ser encontrada na última edição da *Moderna gramática portuguesa*, de E. Bechara, que, aliás, até então, é o único gramático a se posicionar sobre o assunto, e nos *Fundamentos de gramática do português*, de J. C. de Azeredo.

Logo, inovador é o registro de tal descrição, a partir do qual a formação do feminino dos nomes substantivos é vista como um processo de formação de palavras (derivacional), na maioria dos casos, uma estruturação sintática, em muitos, [e] em relacionamentos de natureza sexual através de pares heterônimos, em outros. (4ª capa)

No seu livro de poesias, *Sem resposta* (o prelo), encontramos os seguintes versos, que bem retratam sua preocupação ao se lançar em polêmica tão desatinada, que já o incluiu na lista dos conferencistas convidados pelas comunidades acadêmicas mais questionadoras (no dia 16 de abril debate o tema na UERJ/FFP, no dia 2 de maio debate o assunto na UNIVERSO etc.):

Pior do que julgar certo  
O que se diz infundado  
É considerar errado  
O que alguém diz com ciência,  
Embora soe estranho.  
E depois, a insensatez,  
Causa menos mal que a estupidez.

(BOTELHO, 2005b: 23)

O autor lembra, na apresentação de seu livro, que se tem a impressão de que o assunto “variação de gênero dos substantivos” é de consenso geral, apresentado com uma uniformidade admirável em todos os manuais de ensino de língua portuguesa, nas gramáticas pedagógicas e nas gramáticas tradicionais e normativas, sem exceção.

Bastará que se reflita sobre os conceitos de flexão e derivação, assim como sufixo flexional e sufixo derivacional, para se perceber que não seria lógico tratar-se de flexão o fato gramatical que atinge apenas um em cada trinta substantivos da língua (verificado no dicionário “Aurélio” e no “Houaiss”), por maior que seja a boa vontade do pesquisador honesto.

Levando-se em conta o fato de que é a derivação (e não a flexão) que constitui processo de formação de palavras, fica bastante contestável entender-se que “menina” seja uma flexão de “menino”, que “barraca” seja uma flexão de “barraco”, visto que qualquer pessoa em perfeito estado de consciência sabe que “menina” não é a mesma coisa que “menino”, assim como “barraca” não é a mesma coisa que “barraco”.

Assim como a mudança de gênero em substantivos como “capital”, “cabeça”, “língua”, “rádio” etc. é um processo de formação de palavras (e, portanto, derivação) e assim como os pares de machos e fêmeas como bode/cabra, boi/vaca, homem/mulher etc. não têm qualquer relação gramatical entre si, sendo elementos lexicais independentes, fica claro também (para quem pensa com a própria mente e não só com as informações colhidas nos livros) que vale a pena refletir melhor sobre a questão da expressão do gênero para todos os demais substantivos.

E concluí assim, o Autor, a sua apresentação (p. 9):

Os dados da língua mostram que a formação de uma palavra para o gênero feminino a partir de uma forma-base e uma marca de gênero não constitui um processo sistemático e obrigatório para todos os substantivos portugueses.

Acreditando na IMANÊNCIA do gênero desta classe de palavras e buscando respaldo nos trabalhos de Câmara Jr., Basílio, Herculano de Carvalho, Matthews e outros, e principalmente na afirmação feita por Sandmann de que “O morfema que indica gênero nos substantivos (...) é um traço lexical, é um sufixo. Já nos adjetivos o morfema de gênero é uma flexão (...)” (SANDMANN, 1991: 41), desenvolvemos este trabalho (...) com a intenção de negar o caráter flexional do gênero dos substantivos e oferecer subsídios para reflexões e formulação de novas hipóteses.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANDMANN, Antônio J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

BOTELHO, José Mário. *Sem resposta* (Poesias). Rio de Janeiro: Botelho, 2005.